

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
E A VIDA CONTINUA
8 de Julho de 2020

LISBON / 1956
(Lisboa)

Um filme de Ray Milland

Realização: Ray Milland / Argumento: John Tucker Battle, baseado numa história de Martin Rackin / Direcção de Fotografia: Jack Marta / Cenários: Frank Arrigo e Eduardo Anahory / Guarda-Roupa: Adele Palmer / Música: Nelson Riddle / Som: William Bristow e Howard Wilson / Montagem: Richard L. Van Enger / Interpretação: Ray Milland (Robert Evans), Maureen O'Hara (Sylvia Merrill), Claude Rains (Aristides Mavros), Yvonne Furneaux (Maria Maddalena Masanet), Francis Lederer (Seraphim), Percy Marmont (Lloyd Merrill), Jay Novello (inspector Fonseca), Edward Chapman (Selwyn), Humberto Madeira (tio Rabio), Anita Guerreiro (a fadista), etc.

Produção: Republic Pictures / Produtor: Ray Milland (assinando como R.A. Milland) / Cópia em vídeo digital, cor, falada em inglês (e ocasionalmente português) com legendagem electrónica em português / Duração: 90 minutos / Estreado em Portugal: Condes e Monumental, a 1 de Janeiro de 1957.

Para além da sua extensa filmografia como actor, começada ainda no final dos anos 20, na sua Grã-Bretanha natal (era galês), que o levou a muitos filmes que hoje temos como exemplos inexcusáveis da Hollywood clássica (de Billy Wilder a Fritz Lang, passando por Richard Fleischer, entre muitos outros), Ray Milland teve também uma pequena e muito mais discreta carreira de realizador. Foram cinco filmes, quase sempre na série B (**Lisbon**, que foi o segundo filme que Milland dirigiu, é uma produção da Republic), que se estão mais ou menos esquecidos até merecerem, à época, alguma atenção de segmentos da crítica europeia (nomeadamente o caso do círculo dos “MacMahonianos”, com Pierre Rissient à cabeça, que votaram aos filmes de Ray Milland uma estima e uma atenção que na altura terão sido únicas). Desses cinco filmes, os mais habitualmente recordados são **A Man Alone** (de 1955, estreia de Milland como realizador) e **Panic in Year Zero!** (de 1962, produção da AIP de Samuel Z. Arkoff). Os outros dois são **The Safecracker** (de 1958), e **Hostile Witness**, com que, em 1968, Milland pôs fim às suas aventuras como realizador.

E, claro, este especialíssimo, para nós portugueses, **Lisbon**. Há algumas, mas são muito poucas, as imagens *estrangeiras* que abordam o Portugal dos anos 50 (e especificamente, no caso do filme de Milland, Lisboa e arredores, Cascais ou Sintra) numa lógica ficcional. Não é preciso dizer que essas é uma das principais curiosidades, se não a principal curiosidade, de **Lisbon**. Muitas cenas – quase todos os interiores – são filmadas em estúdio, ou na Tobis ou nos estúdios da Republic em Hollywood, mas para as cenas de exteriores escolheram-se “locations” altamente fotogénicas – da Praça de Londres à zona de Belém, da baía de Cascais aos palácios de Sintra – que não seriam desdenhadas por nenhum serviço de promoção do turismo. É um retrato gentilíssimo da Lisboa de bilhete postal, “moderna” e burguesa, e que evidentemente trata a cidade

como puro cenário, sem qualquer intenção de esgravatar a superfície da realidade. E é curioso que mesmo o pitoresco e os clichés são mantidos no mínimo – há a cena com o fado no restaurante, porventura inevitável para o preenchimento da quota de lugares-comuns, mas a intenção (se alguma intenção superior havia, e sabe-se que a produção de **Lisbon** foi acompanhada por cuidados diplomáticos luso-americanos) é menos a de retratar Portugal como país “antigo” do que dar a ver uma metrópole arejada e no caminho da “modernidade”, e ainda por cima de uma pacatez a toda a prova. Do ponto de vista do interesse das autoridades políticas portuguesas de 1956, não deve ter havido nada a apontar a **Lisbon** e à imagem do país que ele exprime.

Que, na verdade, podia ser qualquer país e qualquer cidade. Não há, na intriga de **Lisbon**, nada que “obrigue” o filme a passar-se em Lisboa, e podia muito bem ser qualquer outra cidade (por exemplo a **Casablanca** do homónimo filme de Michael Curtiz, com que a promoção da altura quis aproximar a cidade de **Lisbon**, aproximação que tem na presença no elenco de Claude Rains um sublinhado mais ou menos evidente). Tudo isso é especialmente evidente no tratamento das personagens locais (por exemplo a de Humberto Madeira, o único actor português com um papel de relativo destaque), que parecem, ou são mesmo, o fruto do olhar genérico hollywoodiano sobre os “estrangeiros”, variante “latina”: não há grande diferença entre estes portugueses “genéricos” (por exemplo os polícias, ou a menina que em Sintra vem abordar Milland e Maureen O’Hara) e os sul-americanos “genéricos” que foram muito mais vezes retratados (ou “retratados”) pelo cinema americano clássico.

Tudo isso, no filme, é simples cor, tentativa de encontrar um “exotismo” de certeza a pensar mais nos americanos do que nos portugueses. Mas também é essa “cor” que torna o filme interessante de seguir, dado que a narrativa é bastante cinzenta e se apoia demasiado em cenas de diálogos pouco inspirados que os actores (sobretudo os gestos largos de Claude Rains) tentam fazer viver o melhor que podem. Milland dá alguns ares da sua graça, mormente em certos detalhes de pura mise en scène (é assim que o tímido “erotismo” do encontro entre a sua personagem e a secretária de Rains se torna num dos momentos mais divertidos do filme). Mas não é a única cor: há também os cabelos ruivos de Maureen O’Hara a pegarem fogo ao trucolor da fotografia de Jack Marta, num dos raros papéis de vilã – quase quase femme fatale – que interpretou.

Luís Miguel Oliveira